

A POESIA CONTEMPORÂNEA NO ACRE¹

*Camila Bylaardt Volker²
Alessandro Gondim da Frota³*

Entrevistador: Conte um pouco sobre a sua trajetória como escritor e como “fazedor de cultura” no Acre. Como você começou a escrever, o que e quem te motivou a fazer isso, como era o contexto de então para essa trajetória ter começado.

Entrevistado: Bem, antes do primeiro verso, antes de lançar o primeiro livro, bem antes de tudo, gostaria de falar sobre a minha relação com as letras, uma relação talvez de amor e ódio. Por que era amor e ódio? Na infância, na escola, já nos primeiros anos, sempre foi muito difícil para mim. A escola para mim sempre foi uma experiência traumática. Por quê? Porque eu não conseguia acompanhar os números, a matemática, não conseguia acompanhar a língua portuguesa, não conseguia escrever corretamente. Hoje, reconheço que tenho um certo grau de dislexia, e essa dificuldade me fez abandonar o ensino convencional. Era sempre um terror. É irônico que, apesar desse conflito com as letras, eu tenha me tornado escritor.

Portanto, minha trajetória demonstra que a relação com as letras pode ser complexa e desafiadora, mas também pode levar a realizações inesperadas.

E aí, para mim, sempre foi um grande conflito, um grande terror, escrever errado, trocar R e N e entre outras coisas. Então, para mim, era muito desanimador de ver todo mundo ali acompanhando e você não acompanhar. Então, fugi da escola. Eu queria muito ressaltar isso, para desmistificar essa ideia de que o escritor domina a escrita. E não é isso.

Comecei naturalmente a escrever alguns poemas. Mesmo ali, sozinho tinha a liberdade, sem ninguém me observar, de rabiscar alguma coisa. Um textinho, um verso naturalmente, quando jovem, e já deixava aquilo ali. Mas sempre sentia um desejo de escrever, muito cedo. Mas não levava a sério por essas circunstâncias, não pensava em escrever, ser escritor. E tive o impulso de escrever um romance. E foi um grande desafio, foi meu primeiro livro, que lancei em 2007, quando eu

¹ Entrevista concedida por Nome do entrevistado [algumas informações do entrevistado, atuação profissional, titulação]

² Doutora em Literatura, Universidade Federal do Acre. E-mail: camila.volker@ufac.br

³ Escritor acreano.

morava em São Paulo, escrevi um romance, *O Filho Pródigo*. Foi gratificante, foi uma experiência boa, apesar de toda a dificuldade. Mas materializei minhas ideias no papel e busquei ajuda de pessoas para corrigir e me ensinar.

Então, me tornei, acho que posso dizer, um autodidata e busquei refúgio nos livros. Me tornei um leitor ávido, então tenho uma paixão muito grande pela leitura e isso me levou também a escrever. Então, acho que esse ponto aí eu gostaria de deixar bem frisado, como posso assim dizer, bem explícito, essa fase inicial da minha jornada literária. Bem, aí meu segundo livro de poesia, que é *ODrama de Sísifo*, também vem numa abordagem existencial. O livro surge depois de ler a obra *O Mito de Sísifo*, do filósofo Albert Camus. Nele, coloco grandes questões existenciais da minha vida. É um livro pequeno, mas gostei bastante desse livro.

Aí vem um outro livro, também mais rebuscado e refinado, que se chama *Máquina de Barro*. Nele, a escrita e as ideias amadurecem. Coloco muita coisa existencial nesse livro, que também é muito bacana.

E aí vem *O Poeta e o Catraieiro*. Nesse livro, faço uma mudança: do universo interior, me volto para o mundo externo e celebro o catraieiro, o rio e as nossas lendas. Então, um livro maravilhoso, uma experiência maravilhosa de falar da minha terra, de falar das minhas experiências, filho da Amazônia que sou, um livro que eu tenho um xodó muito grande.

E também a experiência de lançar o primeiro livro infantil, que é o *Bolhas de Sabão*. *O Bolhas de Sabão* também explora as minhas memórias de infância e das minhas brincadeiras. Da década de 80, 90, como peteca, pepeta, pião, dama, esconde-esconde. Um livro feito especialmente para as crianças. Então, muito bacana também esse livro.

Enquanto o artista independente surge da necessidade do contexto local, da gente mesmo ter que fazer a nossa própria arte. Há escassez de recursos tanto privados quanto públicos, então a gente se vê obrigado a fazer. Para fazer a sua arte, muitas vezes é preciso investir do próprio bolso. Você assume o papel de promotor cultural, publicando o livro e buscando recursos. Se não tiver os recursos, você mesmo os busca. Você promove, organiza o lançamento, convida pessoas, se articula com escolas, sempre à sua maneira.

Comecei a promover alguns eventos de poesia, algumas antologias, trabalhar na Câmara Temática de Literatura. Pela necessidade, a gente mesmo tem que fazer, a gente tem que fazer a nossa arte e promovê-la, a gente pela gente. Essa é uma questão tanto econômica quanto cultural, então dediquei-me e ainda me dedico intensamente a essa questão cultural, que também me encanta.

E trabalho com outras linguagens, a música, o teatro, o audiovisual, são linguagens que também me encantam.

Entrevistador: Você conhece a história da literatura acreana ou a história da literatura amazônica? Quais são os autores que você lê ou leu que te motivaram a escrever? Pensando numa genealogia borgiana da escritura, você consegue traçar retrospectivamente o seu caminho desde quem veio antes, até chegar em você e quem você acha que segue ainda uma linha parecida com a sua na literatura acreana?

Entrevistado: Comecei a pesquisar a literatura acreana com mais profundidade em 2017, quando não só iniciei a pesquisa, como também passei a ler bastante os autores dos diversos gêneros, como romance, conto e, principalmente, poesia, gênero com o qual mais me identifico e aprecio. De fato, temos muitos escritores e escritoras de grande qualidade em nosso Acre, o que torna a literatura local extremamente rica. Através de suas obras, os autores exploram a Amazônia com maestria, riqueza e propriedade.

Aprofundi ainda mais minha pesquisa e meu desejo de ler escritores(as) acreanos quando me envolvi no lançamento do meu primeiro livro e tive a oportunidade de conhecer outros escritores. Autores que me moldaram e influenciaram, como o poeta César Félix, João Veras, que com seus livros explora o decolonialismo, o poeta Quilrio, que retrata o Acre e seus bairros com maestria, Francis Mary, a Bruxinha, e muitos outros. A literatura acreana, com seus autores atuais e aqueles que iniciaram essa jornada como a grande contista Florentino Esteves, Juvenal Antunes e tantos outros escritores e escritoras.

Sou um admirador, leitor e pesquisador da literatura acreana. Tive a honra de participar, ao lado da historiadora e escritora Kelly Gleicy, da criação da antologia *Reminiscências*. Através do financiamento público, conseguimos concretizar essa obra, produzindo mil exemplares que contam com a participação de mais de 60 escritores e escritoras acreanos, tanto consagrados quanto em início de carreira. *Reminiscências* se torna, assim, uma obra imperdível para quem deseja conhecer um pouco da riqueza da literatura acreana.

Bem, segundo essa genealogia borgiana, não consigo precisar quem veio antes, mas penso que nunca escrevemos sozinhos. Minha escrita não contém nada de inédito, é sempre um trabalho coletivo. Nela, encontramos ecos de Quilrio Farias, César Félix, João Veras, Augusto dos Anjos,

Nietzsche e Manuel de Barros. Nesse sentido, minha escrita é composta por um pouco de cada um, sem que isso configure plágio.

Somos sempre influenciados uns pelos outros, de certa forma, e acredito que essa genealogia se expande ainda mais. Os poetas gregos, assim como os de cada país e cultura, possuem suas próprias vozes e estilos. Há poetas que exploram diversas linhas, como a crítica social, a temática existencial ou regional. Cada um se posiciona da maneira que deseja, o que considero muito interessante.

Acredito que não devemos seguir modismos, como falar sobre o que está em alta apenas porque todos o fazem. Eu quero falar sobre o que sinto. Sou um poeta do sentir. Se sinto algo, escrevo sobre isso. Se sentir a necessidade de fazer uma crítica, a farei. Mas jamais faria algo apenas por modismo.

Entrevistador: Quais escritores contemporâneos do Acre ou da Amazônia você lê? Como você pensa e se insere na montagem desse cenário contemporâneo?

Entrevistado: Os escritores contemporâneos do Acre que tanto admiro e leio, como João Veras, Quilrio Farias e César Félix, exercem grande influência sobre mim. São contemporâneos e amigos que abordam a Amazônia de forma profunda e decolonial, algo que me marcou profundamente. Desde que os conheci, minha escrita se transformou significativamente.

Também destaco Gerson Albuquerque, historiador e escritor que segue a mesma linha decolonial, explorando temas da Amazônia. Acredito que é importante falar sobre esses autores e suas obras.

Entrevistador: Se pensarmos no futuro, qual a cara que a literatura acreana ou amazônica terá daqui uns anos, segundo a sua experiência e compreensão do cenário que se delineia atualmente?

Entrevistado: Ao pensar no futuro da literatura acreana, vejo que a cada ano que passa ela se consolida e atinge sua maturidade. Grandes romancistas, contistas e poetas engrandecem nossa cena literária. Sou um otimista em relação à literatura acreana, um apreciador dos escritores e escritoras que me antecederam e iniciaram essa jornada, dos meus contemporâneos e daqueles que ainda estão por vir. Acredito que a literatura acreana atingiu a maturidade, o que se reflete na obra de diversos autores que exploram a Amazônia e o Acre com profundidade, além de temas universais. Isso me

deixa convicto de que a literatura acreana é promissora e possui grandes nomes. Sou, portanto, otimista quanto ao seu futuro.

Entrevistador: Seu último livro — é o último mesmo? — *O poeta e o catraieiro* parece oscilar entre a floresta e a cidade, ou parece trazer uma resistência selvagem da floresta dentro da cidade, sendo o catraieiro esse mediador de mundos. Você pensa que a poesia no Acre ou a poesia amazônica, em geral, segue esse caminho? Há esse caminho?

Entrevistado: *O Poeta e o Catraieiro* é meu último livro, onde retrato minhas vivências e memórias em Rio Branco, Acre, e na Amazônia, região da qual sou nativo e me sinto profundamente conectado. A obra se desenvolve na relação entre o Poeta e o Catraieiro. O Poeta é o homem da contemplação, enquanto o Catraieiro é o homem da ação, que guia o Poeta pela floresta, revelando sua fauna, flora e rios. O Catraieiro, maior e mais experiente que o Poeta, representa o contato direto com a natureza.

O livro oscila entre a floresta e a cidade, explorando minhas memórias em ambos os ambientes. Abordo também o tema do desmatamento, contrastando-o com a beleza exuberante da floresta, sua fauna e flora. Acredito que a poesia reside na capacidade de nos encantarmos com as pequenas coisas, como uma flor, um animal ou uma árvore. *O Poeta e o Catraieiro* é um reflexo de minhas memórias, parte da minha alma e de minhas vivências. É um livro que celebra a beleza da infância e a dialética entre a cidade e a floresta.

Entrevistador: O livro *O poeta e o catraieiro* foi transformado em um espetáculo musical. Conte um pouco sobre essa experiência, como surgiu a ideia desse espetáculo e como foi a recepção do livro nessa outra forma de fruição.

Entrevistado: "O Poeta e o Catraieiro: Voz e Som" foi a realização de um sonho antigo: ver alguns dos meus poemas musicados. O projeto reuniu amigos talentosos como Rodolfo Minari, Patti Saturno, Arthur Miúda e David de Menezes. Juntos, escolhemos dez poemas do livro *O Poeta e o Catraieiro* e os transformamos em canções. Foram seis meses de ensaios e musicalização, culminando em um show memorável. A apresentação foi gravada e o álbum "O Poeta e o Catraieiro: Voz e Som" está disponível no Spotify.

No show, início declamando um poema, seguido de algumas das canções. Em seguida, recito mais duas poesias e finalizo com uma declamação. Fiquei imensamente feliz em ver meus poemas musicados e eternizados de uma nova forma, através da linguagem musical. Para mim, foi uma experiência gratificante e motivo de grande alegria.

Entrevistador: Você já se aventurou por outros gêneros literários além da poesia? Quais?

Entrevistado: Meu primeiro livro, *O Filho Pródigo*, é um romance. Gostei imensamente de escrevê-lo, mas a poesia me cativou profundamente. Tenho muitas ideias para romances e tento explorar outros gêneros, mas a poesia é onde me encontro verdadeiramente. Por isso, a maioria dos meus livros são de poesia, com exceção de *O Filho Pródigo*.

Entrevistador: Você acha que a poesia é uma forma mais comum de produção literária no Acre? Por que?

Entrevistado: Percebo que, sim, a poesia é uma forma mais comum de produção literária acreana. De fato, temos uma grande quantidade de poetas nesse cenário, como comprovam as pesquisas e o acompanhamento que faço da literatura do Acre. Observo que a maior parte da produção literária do estado se concentra na poesia.

Agora, quanto ao porquê dessa predominância, acredito que uma resposta subjetiva seria a de que a poesia se configura como um gênero mais, digamos assim, espontâneo. Escrever um poema, ou mesmo dois, é algo bem diferente de tentar escrever um romance, que é uma obra mais complexa. Logo, a poesia se apresenta como uma linguagem mais direta, ainda que também possa ser profunda em certos aspectos. Talvez seja por isso que o Acre tenha tantos grandes poetas, homens e mulheres que contribuem significativamente para o cenário literário do estado.

Entrevistador: Sobre o mercado editorial: como você percebe e se relaciona com as editoras no Acre? Percebi que alguns dos seus livros foram publicados por uma editora em Brasília — a Tagore Editora. Por que escolher uma editora de fora? Você já publicou por editoras daqui? Quais os pontos fortes e fracos desse mercado no Acre?

Entrevistado: Sobre o mercado editorial, penso da seguinte forma: é fundamental fomentarmos a economia local e regional. Apesar de meus dois primeiros livros terem sido publicados por editoras locais, reconheço que muitas vezes falta qualidade e profissionalismo.

É crucial incentivarmos o desenvolvimento do mercado editorial local, mas também é necessário que eu realize um trabalho com qualidade. Não posso me contentar apenas com o fato de a editora ser local ou regional, sem considerar a qualidade do serviço prestado.

Por isso, optei por publicar meus outros livros com editoras de maior porte, que oferecem um trabalho mais refinado e editorialmente impecável. Até o momento, tenho publicado com editoras de Brasília, mas sempre defendo a importância de trabalharmos com empresas locais. No entanto, é fundamental que essas empresas apresentem um nível de qualidade que atenda às nossas necessidades.

Percebo que o mercado editorial local ainda está em desenvolvimento, com profissionais iniciantes que ainda não possuem a experiência necessária. Isso, por sua vez, se reflete na qualidade do produto final, que muitas vezes não é esteticamente agradável para o leitor.

Atualmente, existe uma grande valorização pela estética dos livros. Os leitores buscam livros bonitos, com diagramação atraente e materiais de qualidade. Felizmente, o mercado editorial acreano vem crescendo e novas editoras estão surgindo, o que contribui para a melhora da qualidade geral dos livros publicados no estado. Acredito que o mercado editorial acreano está em constante evolução e que, com o tempo, alcançará um nível de qualidade ainda mais alto.

Entrevistador: Que outros/outras autores(as) você indica como referências da produção literária (poesias, romances, contos e, principalmente, peças teatrais) no Acre?

Entrevistado: Quilrio Farias, Cesar Félix, Roberta Marisa, Francis Mary, Gerson Albuquerque, Juvenal Antunes, João Veras, Helen Lirtez.

Esses são apenas alguns exemplos dos muitos escritores talentosos que o Acre tem a oferecer. São autores que prezam pela cultura local e a trabalham com profundidade em suas obras, seja na poesia, no romance ou no conto.

Vale destacar também a importância de conhecer a obra de autores que, infelizmente, já não estão entre nós, como a contista Florentina Esteves.

Acredito que a leitura de autores decoloniais é fundamental para que possamos ter uma visão mais completa e complexa da realidade acreana. É importante buscarmos autores que escrevam a

partir de suas próprias experiências e perspectivas, sem se submeterem à lógica eurocêntrica que ainda impera em grande parte da literatura.

É claro que existem muitos outros autores que merecem ser mencionados, mas seria impossível citá-los todos aqui. O importante é que continuemos buscando novos autores e novas vozes que enriqueçam o panorama literário acreano.

Entrevistador: Você diria que há uma identidade literária na Amazônia? A partir de quais elementos essa identidade é apresentada ou representada?

Entrevistado: Quanto à questão da identidade literária na Amazônia, posso afirmar que ela se diferencia por abordar temas específicos da região, assim como cada região possui suas próprias características literárias. A Amazônia, por sua vez, apresenta uma identidade única, moldada por suas lendas, mitos, alma, flora e fauna.

É possível observar a construção dessa identidade literária, mesmo que ainda em formação, em diversas obras que retratam a realidade amazônica. As peculiaridades da região, como a relação com os trabalhadores (seringueiros, catraieiros, castanheiros), a fauna, a flora, o desmatamento e a Tríplice Fronteira (com Peru e Bolívia), são elementos recorrentes na literatura local.

Acredito que a identidade literária acreana, em particular, ainda está em desenvolvimento, sem uma definição completamente formada. No entanto, é notável a presença de características singulares que a distinguem de outras literaturas regionais.

Entrevistador: Como você vê/lê/entende a relação da formação histórica do Acre com a literatura produzida no Acre?

Entrevistado: Percebo que a relação entre a formação histórica do Acre e a literatura produzida no estado é extremamente profunda. Diversas obras em diferentes gêneros literários, como romances, poesias e contos, exploram essa temática, abordando desde o período do Ciclo da Borracha, com a migração de nordestinos para a região em busca da exploração da seringueira e da extração do látex para atender à demanda da Segunda Guerra Mundial, até o segundo ciclo econômico, marcado pela pecuária e pelos conflitos agrários que o acompanharam.

Considero essa conexão entre a história acreana e a sua literatura um aspecto bastante rico e presente na produção literária local. A multiplicidade de gêneros que abordam essa temática

demonstra a importância e a amplitude da história do Acre na construção da identidade cultural do estado.

Acredito que, nesse sentido, a literatura acreana se destaca por oferecer aos leitores um panorama amplo e diversos da formação histórica do estado, proporcionando-lhes a oportunidade de conhecer e compreender os diferentes eventos e personagens que moldaram a sociedade acreana.

**Informações biográficas (naturalidade, quanto tempo reside no Acre, profissão);
outras informações (pessoais/profissionais/trajetória como escritor) do entrevistado.**

Sou natural de Rio Branco, no Acre, e atuo como assistente técnico cultural no Sesc. Minha trajetória como escritor teve início em 2007, com o lançamento do meu primeiro livro, *O Filho Pródigo*. Em seguida, publiquei *Homens e Deuses* em 2017, *O Drama de Sísifo* em 2018, *Máquina de Barro* em 2019 e, em 2021, *O Poeta e o Catraieiro* e *Bolhas de Sabão*.

Data de submissão: 28/02/2023
Data de aprovação: 04/05/2023